

ENTREVISTA COM O PESQUISADOR PROFESSOR

DOUTOR MARCELO MENIN

Resumo do *Curriculum vitae* – O professor Marcelo Menin possui graduação em Ciências Biológicas, Universidade Estadual Paulista (UNESP), *campus* de São José do Rio Preto (1995-1998). Mestrado em Ecologia e Conservação de Recursos Naturais, Universidade Federal de Uberlândia (2000-2002); Doutorado em Ciências Biológicas (Ecologia), Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) (2002-2005). Professor da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) desde janeiro de 2006. Ministra as disciplinas de Zoologia para o curso de Ciências Biológicas, Ciências Naturais e Ciências Agrárias.



Orientada alunos de Iniciação Científica e Mestrado no Programa de Pós-graduação em Diversidade Biológica – UFAM. Principais linhas de pesquisa: Ecologia de comunidades, Biologia reprodutiva e Taxonomia de anuros. Autor e coautor de 35 artigos científicos, de divulgação científica e de livros. Coordenador e pesquisador de projetos financiados pelo CNPq, FAPEAM e FAPESP. Revisor científico de periódicos nacionais e internacionais. Membro da Sociedade Brasileira de Herpetologia. Membro Afiliado da Academia Brasileira de Ciências e Pesquisador Nível 2 do CNPq.

PERGUNTAS:

1. Professor, em sua opinião o que é ser pesquisador na sua área na Região Norte?

Ser pesquisador na Amazônia é um grande desafio. A imensidão da área e as dificuldades de acesso a muitos lugares remotos são os principais obstáculos. Apesar disso, a Amazônia possui uma grande diversidade biológica, com uma grande área ainda pouco amostrada e estudar a biodiversidade dessa região é muito estimulante. Novos registros de distribuição de espécies e novas espécies são descobertas periodicamente.

2. Qual é a sua principal linha de pesquisa? Quais os resultados relevantes obtidos em suas pesquisas?

Minha principal linha de pesquisa é entender como as comunidades animais estão estruturadas. Os anfíbios anuros (sapos, rãs e pererecas) adultos e girinos são os animais que mais tenho estudado. Nesse contexto, entender quais espécies compõe as comunidades e quais fatores ambientais determinam a distribuição dessas espécies no ambiente são assuntos de diversos trabalhos.

Eu conto com a participação de diversos alunos de Graduação e Pós-graduação, os quais têm contribuído enormemente para atingir os objetivos dos projetos que coordeno. Temos conseguido coletar informações inéditas sobre aspectos biológicos, como reprodutivos e comportamentais, taxonômicos e ecológicos de anuros e também de outros grupos taxonômicos como camarões de água doce, primatas, lagartos e serpentes. Esses estudos são integrados dentro de projetos maiores como o Programa de Pesquisa em Biodiversidade (PPBio) e o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Estudos Integrados da Biodiversidade Amazônica (INCT-CENBAM), financiando grande parte do trabalho, com apoio do CNPq, FAPESP, FAPEAM e CAPES. Dessa forma, permite que realizemos amostragens padronizadas e comparações adequadas dentro do bioma Amazônia. Muitos dos resultados obtidos estão relacionados com o entendimento dos fatores que determinam a distribuição de espécies no ambiente. Em última instância, entender esses fatores permite traçar



estratégias adequadas para a conservação de espécies.

3. Para os jovens cientistas explique qual o desafio de realizar pesquisa na sua área de conhecimento.

Realizar pesquisas ecológicas e taxonômicas na Amazônia requer superar diversos desafios, os quais estão relacionados com diversas etapas. Inicialmente, é preciso ter uma boa formação (Graduação e Pós-Graduação) e, para isso, ter de haver grande dedicação. Gostar de realizar pesquisa de campo, permanecendo em áreas muitas vezes sem infraestrutura (como os acampamentos dentro das reservas) e lidando com adversidades climáticas e de logística são também importantes. Além disso, produzir ciência exige pensamento crítico, persistência, determinação e curiosidade. Estudar a biodiversidade Amazônica é extremamente importante para se determinar o número de espécies da área e, a partir daí, entender como essas espécies estão reagindo frente a todas as alterações ambientais geradas por nós e gerar estratégias de conservação.

4. Se pudesse voltar atrás, qual a linha de pesquisa se dedicaria com maior afinco?

Gostaria de ter uma melhor formação na área de taxonomia. Apesar de produzir estudos nessa linha, fiz Mestrado e Doutorado em Ecologia. Mesmo trabalhando em áreas bem estudadas, como a Reserva Florestal Ducke (INPA) e em fragmentos florestais como o *campus* UFAM, nos defrontamos com espécies novas ou complexos de espécies. A falta de formação adequada em taxonomia torna a descrição da diversidade um pouco mais difícil. Para tentar solucionar isso, tenho feito parcerias com pesquisadores de outras instituições, como o INPA, a UNESP, a USP.

5. Quais são os principais avanços que o Senhor considera importante na sua área do conhecimento?

Nos últimos anos temos conseguido avanços no entendimento das relações das espécies entre si e com o ambiente. Por meio da integração de informações para diferentes grupos taxonômicos, temos possibilidades de encontrar padrões ecológicos. Assim, podemos respaldar e subsidiar políticas públicas, inclusive para subsidiar a bioprospeção e o uso da biodiversidade da região. Além disso, outro aspecto extremamente importante é a formação de recursos humanos qualificados na região, colocando os profissionais formados dentro de Institutos de Pesquisa, Universidades Públicas, Escolas, ONGs, entre outros.

6. Em sua opinião o que a instituição, na qual trabalha, deveria fazer para se tornar referência na sua área de conhecimento?

A maior parte dos financiamentos para estudos ecológicos e taxonômicos na UFAM provém de iniciativas individuais. O Instituto de Ciências Biológicas/UFAM possui um excelente corpo de professores/pesquisadores de alto nível, o que proporciona a aprovação de muitos projetos nas agências de fomento, e também permite a orientação de um grande número de discentes. Hoje, por algumas exigências das agências de fomento, os projetos precisam ter características de redes de pesquisa. Mas a Universidade tem um papel determinante no fornecimento da infraestrutura e pessoal qualificado, necessários para o desenvolvimento dos projetos de pesquisa. Temos conseguido avanços nessa linha dentro da Pós-graduação e, por isso, acredito que um investimento estratégico e de longo prazo nos Programas de Pós-graduação seria de extrema importância como contrapartida da Universidade para o estabelecimento de Núcleos de Excelência. Além disso, a contratação de maior número de docentes e o investimento na formação continuada dos professores também são fundamentais.



7. *Que conselhos o senhor daria a um jovem que quer seguir a carreira de pesquisador na sua área de conhecimento?*

Estamos no coração da Amazônia e, primeiramente, todo pesquisador tem que ser um curioso. É isso que move a imaginação e a busca por respostas. Em segundo lugar, gostar do que faz. Isso fará com que se torne um bom pesquisador. A dedicação, persistência,

ética e respeito são pontos extremamente importantes e que definirão um bom profissional. Áreas científicas mais recentes, como a Biologia da Conservação, farão a diferença em um futuro próximo. No entanto, a pesquisa básica ainda fará parte da vida dos futuros pesquisadores na Amazônia.